

Senhora Ministra da Educação e Ciência

Magnifico Reitor

Excelentíssimas Autoridades

Senhor Professores e Estudantes

1. Quero começar por agradecer o honroso convite que me dirigiram para proferir a conferência inaugural do Curso de Verão desta prestigiosa Universidade, que tem como patrono um dos mais reputados intelectuais de Espanha de meados do século XIX e começos do século XX, Marcelino Menéndez y Pelayo. Não é a primeira vez, aliás, que venho a esta Universidade. A convite do então Reitor, Prof. Raul Morodo, meu querido Amigo, estive aqui talvez há mais de vinte anos, para falar da "Revolução dos Cravos" e da experiência democrática portuguesa, que dava então os seus primeiros e incertos passos.

2. Pedem-me agora para vos falar de um tema muito mais complexo e que releva da futurologia, com uma dose manifesta de imprevisibilidade: "Uma nova ordem mundial para o III Milénio".

É certo que vivemos um momento particularmente difícil, inseguro, desordenado, às vezes mesmo caótico. Tanto a Ocidente como a Oriente, a Norte ou a Sul, deste nosso Mundo, tornado tão pequeno pela facilidade das comunicações. Por isso, o tema sugerido é tão complexo e actual.

3. Sou dos que pensam que os esforços, muito louváveis, das Nações Unidas - e das suas Agências Especializadas - sobretudo nos anos finais de Kofi Annan, não devem ser menosprezados. Refiro-me aos Objectivos do Milénio, por exemplo, e a várias outras iniciativas de paz das Nações Unidas. Mas estão longe de ser suficientes para ordenar o Mundo.

A tentativa de marginalização das Nações Unidas, que a administração Bush procurou levar a efeito, na sua fase unilateralista de "império benigno", deixou as suas moedas, apesar de ter falhado completamente. A verdade é que as Nações Unidas, com o novo Secretário-Geral, Ban Ki-moon, cuja linha de orientação ainda não é muita clara, não readquiriram o dinamismo e o prestígio global necessário para se imporem, como deviam.

4. O G 7 - actualmente G 8, com a Rússia - que surgiu no tempo de Giscard d'Estaing, tornou-se com Clinton numa espécie de directório dos países mais ricos para, de algum modo, ser um instrumento de pressão junto do Conselho de Segurança das Nações Unidas e, por essa via, procurar dirigir o Mundo. Mas não tem - nem nunca teve - qualquer legitimidade democrática ou em termos de Direito Internacional. Não conseguiu aliás impor-se. Em toda a parte onde se reuniu tem havido manifestações alternativas, mais ou menos violentas, a contestar a sua legitimidade. A última, realizada na Alemanha, em Heiligendamm, contou com a presença de vários países emergentes, como convidados. Saldou-se por um autêntico fracasso. Os resultados da reunião não passaram de promessas vagas e não calendarizadas, relativamente a África, dando lugar a uma manifesta tensão, muito perigosa, entre os Estados Unidos e a Rússia. Fez lembrar, a alguns comentadores mais pessimistas, o regresso aos ominosos tempos da "guerra fria"...

5. Assim está o Mundo. Confuso, inseguro, perigoso. Falar de uma nova ordem mundial é singularmente difícil porque tudo depende de variáveis, cuja evolução e sentido são impossíveis de prever. Chegam-nos, assim, sinais que são contraditórios: alguns muito inquietantes, outros, felizmente, menos. Limitar-me-ei a dar-vos algumas pistas de reflexão, esperando - se assim o entenderem - responder, depois, às questões que me quiserem pôr. Se souber...

6. Começo por constatar o que todos podemos observar. O século XXI trouxe fenómenos inteiramente novos que estão a influenciar as mentalidades, as aspirações e os comportamentos dos dirigentes políticos, das pessoas e das sociedades. Permito-me enumerar alguns, sem os hierarquizar, tal como me ocorrem, que vos servirão, como tópicos, para melhor compreenderem a complexidade do tema que me sugeriram que tratasse:

- Primeiro. A emergência do terrorismo global (ou islâmico, para simplificar) e a forma de o combater, no plano mundial, com ampla informação, inteligência e eficácia. O que manifestamente tem faltado ao Ocidente e à América de Bush em particular;

- Segundo. A globalização – que é um dado objectivo do mundo em que vivemos – está desregulada, produto da ideologia neo-liberal. Tem tido, aliás, como consequência negativa, o aumento do fosso das desigualdades entre países ricos e pobres, o crescimento geral da pobreza (embora alguns economistas, baseados no mero crescimento do PIB de diferentes países, como a China e a Índia, contestem esta asserção) e ainda o alargamento da distância que separa os ricos e os pobres, mesmo nos países mais desenvolvidos. Acresce a isto, o peso crescente da criminalidade internacional organizada, da droga, do tráfico de armas e de órgãos humanos. E daí a confusão que parece insanável entre "dinheiro sujo" (proveniente desses comércios ilícitos) e as especulações financeiras correntes, através de off-shores, que organizações obsoletas como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional se têm mostrado incapazes de corrigir;

- Terceiro. A consciência crescente, por parte da opinião mundial, dos perigos que o nosso Planeta enfrenta, devido às contínuas agressões que sofre, em virtude da ganância dos homens e da impotência dos governos perante os grandes interesses.

Refiro-me, naturalmente, ao aquecimento da Terra provocado pelo "efeito de estufa"; às alterações climáticas, que tanto começam a inquietar-nos; à perigosíssima degradação dos Oceanos, fonte de vida e biodiversidade; à escassez da água potável, indispensável à vida, cujo acesso, portanto, deve ser considerado um direito comum da Humanidade e não uma simples mercadoria;

- Quarto. O agravamento perigosíssimo dos conflitos no Próximo Oriente e a impotência do Quarteto (ONU, Estados Unidos, União Europeia, Rússia) para os ajudar a resolver, em virtude das suas incapacidades e omissões. Na base de tudo está o conflito Israelo-Palestiniano, agravado agora pela guerra civil latente entre palestinianos: do Fatah e do Hamas; a guerra no Afeganistão, que está a tornar-se num atoleiro extremamente complicado para a NATO; a ocupação do Iraque (que se transformou num campo de treino e de formação de terroristas) assistindo os anglo-americanos e os mercenários contratados que lá têm, impotentes, a uma guerra civil entre sunitas, xiitas e curdos, - um novo Vietname, muito mais grave nas suas consequências, para a América do Norte; a inaceitável e inútil invasão do Líbano, por Israel, e a quase destruição de um país, de complexos e delicados equilíbrios político-religiosos. O Líbano transformou-se, assim, num terreno de confrontações político-religiosas, estimuladas por Israel e pelo Hezbollah e, por detrás dele, pela Síria; a emergência do Irão xiita como principal potência da Região e a caminho de ter a bomba atómica; as fragilidades agravadas da Arábia Saudita, do Egipto e do Paquistão, os chamados Estados árabes moderados.

Quer dizer, o Próximo Oriente transformou-se, dada a irresponsabilidade da administração Bush, num barril de pólvora que, pode incendiar o mundo, senão houver muito cuidado e a adopção de medidas adequadas, a curto prazo, sobretudo, do lado europeu, dado o impasse em que se encontram (até ao fim de Bush) os Estados Unidos;

- Quinto. O agravamento das tensões religiosas é outro dos tópicos que ganhou importância - e gravidade - desde o início do século XXI. O fundamentalismo religioso não existe só no Mundo Islâmico, principalmente entre xiitas e sunitas. As outras grandes religiões também sofrem do mesmo mal: o cristianismo (católico, protestante e ortodoxo), o judaísmo, o hinduísmo, o budismo... Deixar que o Mundo se possa envolver em novas "guerras religiosas", representaria um recuo de civilização de consequências desastrosas, que importa evitar a todo o custo. Implicaria a decadência do Ocidente, no sentido spengleriano da expressão e o fim do laicismo - a separação entre os Estados e as Igrejas - que temos vindo a construir na Europa desde o iluminismo e que o catolicismo adoptou desde o Concílio Vaticano II, mas que parece estar agora em recuo, dado o intervencionismo do novo Papa, Bento XVI, a serem tidos em consideração os resultados da sua recente visita ao Brasil.

A América do Norte, nesse aspecto, encontra-se em bastante atraso face à Europa, porque a religião tende a intervir activamente na política, como aconteceu na reeleição de Bush, fortemente apoiada pelos evangélicos e pelos mormons, entre outros.

É, por isso, indispensável que o diálogo ecuménico inter-religioso possa prosseguir e intensificar-se, para que se encontrem - e ampliem - os pontos de convergência entre as religiões - e os crentes e os não crentes - que se aceite o multiculturalismo e o direito à diferença. Só assim se

poderá favorecer a Aliança de Civilizações, em que a Europa laica acredita profundamente e de que deve ser um actor particularmente criativo e dinâmico;

- Sexto. Após o colapso do universo comunista (1989-91), os Estados Unidos ficaram sozinhos em campo, auto-proclamaram-se um "império benigno" e pensaram, dado o seu poderio militar sem paralelo, poder dominar o Mundo. Enganaram-se. Não são invulneráveis, como os atentados de 11 de Setembro de 2001 comprovaram. Nem podem governar sozinhos o Mundo, tomando decisões unilaterais – atrevendo-se a considerar certos países como "párias" ou como pertencentes ao "eixo do mal" - nem marginalizar a ONU, vista como um impecilho, como tentaram fazer quando a América avançou, quase só, para a invasão do Iraque. Um erro trágico e sem perdão.

Agora, o multilateralismo está a voltar em força. Aí estão os chamados países emergentes, os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) e muitos outros, inseridos em áreas com desenvolvimentos específicos, que contam cada vez mais e não podem - nem devem - ser ignorados;

- Sétimo. Devo referir-vos também, finalmente, mas em sentido contrário, um fenómeno inteiramente novo que apareceu na transição do Milénio e que, esse, considero muito positivo: o fortalecimento da cidadania global. Hoje, todos nós, somos cidadãos dos nossos respectivos Estados, dos conjuntos a que pertencemos - no nosso caso a União Europeia - mas sentimo-nos, igualmente, cidadãos do mundo.

Tem isso a ver com o progresso das novas tecnologias de comunicação (telemóveis, internet, blogues) e também com a facilidade com que as pessoas hoje se deslocam. Há uma informação que circula, com grande rapidez. E as pessoas, com conhecimento de causa, tomam posições e criam solidariedades. As manifestações colossais que, no mesmo dia, tiveram lugar nas grandes capitais, contra a guerra do Iraque, deram um sinal iniludível de como a opinião das pessoas pode contar e de como, para os governos e os políticos, é hoje importante toma-las em consideração. É uma mudança que abre grandes e novas perspectivas para a defesa das grandes Causas.

7. Dadas algumas pistas para a vossa reflexão, que condicionam, seguramente, num ou noutro sentido, a evolução do futuro próximo, permito-me agora falar-vos do actual momento histórico. É um lugar comum dizer-vos que o estado do Mundo é de uma grande incerteza e, em certos casos, bastante deplorável.

Começo pela América, a potência hegemónica, que nos últimos anos desbaratou muitos dos seus créditos, tanto no plano externo (Iraque, Afeganistão, apoio de extrema parcialidade a Israel, Líbano, descalabro do Próximo Oriente, ao contrário do que tinha sido prometido) como no plano interno (mal estar social, escândalos e corrupção, impotência perante as catástrofes naturais, como no caso Katrina, crescentes desigualdades sociais, escandalosa promiscuidade entre os negócios, a política e a religião, etc.).

Falta um ano e pouco para que George W. Bush chegue ao fim do seu mandato. Sairá, julgo, como um dos piores Presidentes da história americana. Mas o discurso anti-Bush, que agora é fácil e mesmo popular, começa a deixar de fazer sentido. O que interessa é o futuro. Ora o futuro Presidente dos Estados Unidos, mesmo que com alguma probabilidade seja democrata, é, por enquanto, uma incógnita. Contudo, o estado da América e do Mundo forçam a uma mudança que não pode ser pequena nem superficial. Não me espantaria, portanto, que o novo Presidente venha a protagonizar uma significativa viragem política, económica, social e até cultural. Assim, novos ventos de progresso poderão soprar sobre o Mundo, vindos donde menos se esperaria: dos Estados Unidos da América. Oxalá assim aconteça para bem do mundo em geral e do Ocidente em particular.

8. A União Europeia está há dois anos numa encruzilhada, mais ou menos paralisada, sem iniciativas estratégicas de vulto, em parte, por causa do impasse institucional que resultou do não francês e holandês ao Projecto do Tratado Constitucional. O facto é tanto mais preocupante quando sabemos que todos os Chefes de Estado e de Governo dos Quinze de então, o subscreveram. Dezoito Estados-membros, depois disso, o ratificaram e dois outros – Portugal e Irlanda – no encontro de Madrid, se declararam prontos a fazê-lo, na primeira oportunidade. Apesar disso, alguns dirigentes europeus, aproveitaram o impasse para declarar o Projecto Constitucional "morto e enterrado". Mesmo alguns que o tinham subscrito antes. Como Blair.

Felizmente, a chanceler alemã Angela Merkel, democrata-cristã, firme europeísta, aproveitou o ensejo da presidência alemã para repor o Projecto de Tratado na agenda europeia. Sarkozy parece

ser a favor da aprovação de um mini Tratado, simplificado. Ao que Giscard d'Estraing em carta que tornou pública, respondeu com argúcia "tudo depende do que se entenda por simplificado. Se for um Tratado amputado, de artigos essenciais, a Comunidade Europeia deverá responder não". Estou de acordo com ele.

Do meu ponto de vista, é absolutamente necessário que a União ultrapasse o impasse que a tem paralisado. Porque a União tem que ser um actor global, no mundo de hoje, com uma vontade política coerente, afirmada em tempo oportuno, por uma voz única, que a represente. Se assim não for, entrará em decadência, por mais forte que seja no plano económico e financeiro e mesmo que a sua população chegue aos quinhentos milhões. Poderá mesmo desagregar-se, com alianças cruzadas dos Estados-membros, sendo certo que nenhum deles, mesmo os maiores, por si só, poderão ter peso suficiente para contar no Mundo de hoje.

A União Europeia terá que refazer a aliança atlântica com os Estados Unidos (post-Bush), essencial para ambas as partes, com autonomia estratégica e na igualdade, embora com absoluta solidariedade em relação aos nossos valores humanistas e às nossas políticas comuns, desde que cada uma das partes respeite uns e outras, em absoluto. Terá que criar uma parceria, entre iguais, com a Rússia, vantajosa para as duas partes, para assegurar a paz e alguns valores comuns em toda a nossa fronteira leste, que passa pela Bielorrússia, pela Ucrânia e pela tão importante Região do Cáucaso.

O Mediterrâneo é outra das regiões do Mundo onde a História confere à Europa especiais responsabilidades. Tem de fazer parcerias e associações de cooperação avançada com o Magrebe, extremamente vantajosas para os dois lados, até por causa dos imigrantes que, todos os dias, vindos do ou atravessando, esses Estados procuram chegar à Europa, a terra desejada...

9. Os chamados países emergentes também requerem a nossa especial atenção. A presidência portuguesa realizará em Lisboa, nos começos de Julho, a I Cimeira União Europeia-Brasil. É uma iniciativa importante. O Brasil deixou há muito de ser "um país de futuro", como lhe chamou Stefan Zweig, num livro célebre, para se tornar um Estado-Continente, com um peso decisivo não só na Ibero-América mas também no amplo espaço da Lusofonia. São quase duzentos milhões e um país riquíssimo, de todos os pontos de vista, a começar pela criatividade do seu Povo. Não é pequena coisa.

Quanto aos outros Estados emergentes – Rússia, Índia e China – ninguém duvida que vão ter uma enorme importância no futuro, dado o seu crescimento, a sua abertura às novas tecnologias, as suas riquezas naturais. A Rússia, com muito menor população do que a Índia ou a China, tem petróleo, gás natural e enormes riquezas minerais. Por isso, apesar da sua democracia não estar totalmente consolidada, deverá ser porventura, dos três Estados emergentes, o menos problemático.

A China e a Índia, apesar dos progressos realizados, têm que gerir o desenvolvimento, profundamente desigual, das suas imensas populações, o que representa um esforço tremendo, seguramente não isento de violentas confrontações. Oxalá que não.

10. O Ocidente - e particularmente a União Europeia - não se podem também desinteressar de dois Continentes, que estão a evoluir diferentemente, onde a Europa deixou poderosas raízes e tem, por isso, fortes responsabilidades: África e a América Latina ou Ibero-América, como nós, espanhóis e portugueses, temos o hábito de dizer.

A África é um Continente à deriva, marcado por violentas confrontações, como Darfur, Congo, Uganda, Nigéria entre outros, por ditaduras odiosas e mais ou menos disfarçadas, por pandemias que já estiveram erradicadas ou podem ser contidas, num fundo de pobreza intolerável, que parece insanável, apesar de todas as promessas de auxílio que repetidamente lhe têm sido feitas, quase sem resultados visíveis e concretos.

Dizem previsões rigorosas que se a situação não for radicalmente invertida, nos próximos dez a quinze anos, metade da população africana desaparecerá inexoravelmente. Uma tragédia sem paralelo na história e que nos obriga a agir.

A Ibero-América, nos últimos anos, fez consideráveis progressos no sentido do desenvolvimento global, embora ainda com enormes desigualdades sociais e, principalmente, no da criatividade cultural. Além disso, começou a libertar-se da tutela americana. A ALCA, praticamente, evaporou-se. Há diferentes movimentos de integração ibero-americana, como o Mercosul, na Região Andina, nas Caraíbas e na América Central. Há vários governos que estão a aplicar, com alguma

coerência, políticas de um certo reformismo social, mais moderadas ou mais radicais, conforme os casos. O importante é que o diálogo entre os diferentes governos possa prosseguir, sem que se abram clivagens graves entre eles.

11. O mundo em que vivemos é muito diversificado e plural, com diferentes regiões, ciosas das suas diferentes identidades e das suas culturas, línguas e ideossincrasias. Estamos numa fase histórica em que o mais importante é assegurar a paz e banir para sempre a guerra, como forma de resolver os conflitos. O que significa um diálogo aberto, respeitador do outro e das suas diferenças, sem imposições religiosas, ideológicas, económicas ou financeiras. Não há raças superiores nem culturas, civilizações ou religiões superiores. Todas são igualmente dignas de respeito e iguais para podermos encontrar os caminhos do diálogo, das convergências possíveis, do entendimento e, principalmente, da paz.

Para tanto, precisamos de, como já disse, reforçar a ONU, de a reestruturar - em especial o Conselho de Segurança - de a democratizar. Precisamos todos de ter a consciência de que as grandes questões mundiais só podem ser resolvidas no quadro da ONU e das suas Agências Especializadas. Em situação de igualdade de todos os Estados, sem imposições ou, muito menos, humilhações. A inspiração para uma boa governação global, de que tanto se fala, só pode vir da ONU. Daí que o Ocidente - e a União Europeia, em particular - deva fazer tudo para reforçar a ONU e trabalhar, no seu âmbito, pela paz. Não há outro meio.

12. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, continua a ser uma referência essencial, justamente porque foram votados na Assembleia Geral, em 10 de Dezembro de 1948, e por todos os Estados então membros e depois adoptados pela totalidade dos membros hoje com assento na ONU.

Contudo, havemos de concordar que os Direitos Humanos e a própria Democracia não podem ser impostos pela força. Nem terem uma avaliação dúplice, segundo a teoria dos dois pesos e das duas medidas, conforme as conveniências. Por outro lado, há nuances de civilização para civilização, quanto à interpretação e à aplicação desses conceitos, que devem ser considerados de acordo com as diferentes identidades. Só um diálogo aberto pode encontrar os pontos de convergência possíveis, de forma a evitar as ambiguidades que conduzam a desentendimentos que podem ser graves.

Os Direitos Humanos pertencem hoje a diferentes gerações e as suas interpretações e aplicações nem sempre são unívocas, apesar de sua universalidade. Como a democracia, no seu sentido de Democracia Liberal, de que falam os americanos, ou de Democracia Social, a que estão mais ligados os europeus; de Democracia Representativa ou de Democracia Participativa. Para não falar de Democracia Mediática, que parece poder vir a subverter a Democracia Representativa e que pode transformar velhas democracias em plutocracias, quando o poder do dinheiro e dos interesses que dominam, em certos casos, os media, consigam influenciar os actos eleitorais e a genuinidade do sufrágio popular.

Refiro só um exemplo para explicar melhor o que quero dizer. Nos momentos iniciais da guerra do Iraque a força da CNN era tão grande que fazia o bom ou o mau tempo no Próximo Oriente e numa parte apreciável do Mundo. Os árabes tiveram de criar a Al

Jezira para contrabalançar a informação dada, de modo a que o Islão pudesse tornar conhecido o seu modo de ver a realidade...

Senhora Ministra

Senhor Reitor

Senhores Professores e Estudantes

13. Peço me desculpem de ser longo. Mas o tema que me sugeriram, como vos disse logo de início, é de uma enorme vastidão e complexidade. Não só não o esgotei como sou o primeiro a reconhecer que o meu texto contem inúmeras lacunas.

Em síntese, nos próximos anos, as questões preocupantes, do meu ponto de vista, são: a paz; a defesa do Planeta ameaçado; bem como a luta contra a pobreza; as pandemias e a criminalidade internacional. O mundo está demasiado perigoso. Talvez como nunca. Mas, ao mesmo tempo, a Ciência, todos os dias avança no conhecimento do Mundo e de nós próprios, humanos, e

todos os dias nos anuncia novas e extraordinárias descobertas. O humanitarismo também tem feito consideráveis progressos.

Não vos falei da Ibéria, a que pertencemos. Sou profundamente iberista e creio que os nossos Povos - com as democracias e a adesão à Europa - podem voltar a ter um papel pioneiro no Mundo, em muitos aspectos. Não devemos deixar fugir esta oportunidade.

Sou um homem de acção e reflexão. Pela ordem natural das coisas, estou a chegar ao final da vida. Sempre achei indispensável dizer a verdade ou melhor: o que considero ser a verdade. Sou agnóstico, mas acredito na condição humana e no progresso. Acredito nas virtudes do diálogo, em igualdade e abertura de espírito e no reconhecimento do direito à diferença.

É neste caminho, que penso que o mundo pode ganhar estabilidade e maior segurança. Sem violência. Pareço-vos utópico? Mas quem acreditaria, no século passado, que o comunismo poderia implodir, sem derramamento de sangue? Quem acreditaria que a África do Sul poderia derrubar o odioso regime do apartheid, por via democrática, sem violência e sem sangue?

Concluo: o que parece impossível hoje pode ser a realidade de amanhã, se a vontade das mulheres e dos homens assim o quiserem e se se dispuserem a agir em consciência.

Muito obrigado!

Santander, 25 de Junho de 2007